

Contrastes: Brasil e Argentina

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

O contraste entre as posições do Brasil e da Argentina em relação à dívida externa manifestou-se claramente na sexta-feira, na Conferência de Inverno promovida pelo Conselho das Américas: enquanto Ângelo Calmon de Sá, refletindo com total fidelidade as opiniões dos ministros Delfim Netto e Ernane Galvêas, afirmava confiança absoluta no atual encaminhamento do problema, o ministro da Economia da Argentina, Bernardo Grinspun, usou um tom quase apocalíptico ao falar para a Rádio Canadá, após a reunião: 'Se as coisas continuarem como estão, a resposta final será a mesma que tiveram na Cuba de Batista ou na Nicarágua de Somoza. Querem isso em toda a América Latina, inclusive na América do Sul? Pois vão ter, se for mantida essa taxa de juros'.

A Conferência de Inverno teve como tema o comércio e os investimentos na América Latina. Quase quinhentos empresários compareceram ao encontro pe-

la manhã, em que, além de Calmon de Sá e Grinspun, falou o subsecretário de Finanças do México, Suarez Dávila, e depois ao almoço no Hotel The Pierre, em que o orador foi o ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger.

Calmon de Sá falou de improviso, afirmando que o Brasil vai superar a atual crise graças às medidas que estão sendo tomadas para disciplinar o crédito e aumentar o saldo da balança comercial. O reescalonamento da dívida, com a cooperação dos bancos privados internacionais, dos governos dos países industrializados e das instituições multilaterais, está ganhando o tempo necessário para que o Brasil e os outros países devedores tenham novamente estabilidade financeira e retomem o desenvolvimento.

SEM RISCO

Grinspun, entretanto, considera essencial uma imediata redução dos juros pagos pelos endividados. 'Não queremos pagar 14%, mas 12, 10, 9, 8. Queremos as mesmas taxas de juros

pagas pelos países industrializados. Não queremos pagar risco, pois achamos que os nossos países não ofereceriam risco se lhes dessem condições de pagar a dívida. E politicamente intolerável a manutenção das perdas que estamos tendo com esses juros.'

O tom de Grinspun foi especialmente agressivo ao falar com jornalistas, depois de terminada a sessão. Antes, em seu discurso para os empresários, ele foi mais moderado e disse que a Argentina está consciente das suas tarefas — deter a inflação, reduzir o gasto público, aumentar a receita fiscal, reativar a economia, melhorar a distribuição de renda, elevar os salários reais e aumentar a taxa de investimento produtivo.

Mas acrescentou que isso não será suficiente se não for feito um reescalonamento da dívida que o país possa cumprir. Ele disse que os países devedores vão precisar neste ano de US\$ 70 bilhões só para pagar juros e perguntou: 'De onde virá o financiamento para cobrir essa enorme diferença?'

Quando, no final dos discursos, alguém perguntou como ele esperava que o Fundo Monetário Internacional aceitasse as condições pedidas pela Argentina, Grinspun observou mordazmente que o FMI não teve dificuldade em se entender com os governos militares e certamente agora a tarefa seria mais fácil com um governo democrático.

MÉXICO

Suarez Dávila descreveu o processo pelo qual o México conseguiu em 1983 um saldo comercial de US\$ 13,5 bilhões e um saldo em contas correntes de US\$ 4,9 bilhões — diante de déficits de US\$ 2,8 bilhões em 1982 e de US\$ 13 bilhões em 1981. Além disso, o déficit do setor público foi reduzido de 17,5% do PNB em 1982 para 8% no ano passado. A inflação foi contida em 80% e as reservas internacionais au-

mentaram mais de US\$ 3 bilhões.

Dávila também apontou como grande sucesso a reestruturação do débito privado, que beneficiou 1.214 empresas. E teve o cuidado de lembrar que o México, diferentemente da maior parte dos outros países em desenvolvimento, não parte de uma base zero de exportações: suas vendas de petróleo representam mais de US\$ 16 bilhões por ano.

Ele também salientou o que chamou de 'nova flexibilidade' em relação ao investimento externo, dizendo que de US\$ 5 bilhões em 1976 o total dos investimentos estrangeiros no México passou para US\$ 10 bilhões em 1983, com o número de empresas aumentando de 4 mil para 6 mil. 'Por sua vez, o lado esquerdo do espectro pode ficar tranquilo porque o investimento estrangeiro no México não foi mais do que 2% do investimento total ou 0,5% do PNB em nenhum ano.'